

O ESTUDO DA PAISAGEM EM GEOGRAFIA: algumas potencialidades

Elias Antonio Batista Santos
Campus Vitória da Conquista (UESB)
E-mail: eliasantonio980@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo listar algumas potencialidades que o estudo sobre a paisagem oferece. Para isso, foi utilizada uma abordagem qualitativa, com revisão de literatura. Inicialmente buscou-se fazer uma retrospectiva histórica da construção do conceito para que, em seguida, o propósito inicial fosse devidamente tratado, em que uma série de abordagens foram brevemente expostas e exemplificadas, as quais são: a invisibilidade de agentes e práticas; a paisagem como condicionante para a aceitação de uma dada realidade; a paisagem como espelho da civilização, e tipos ideais de paisagem. O propósito se sintetiza em fomentar caminhos – ou lembrá-los – para o estudo desta categoria.

Palavras-chave: Paisagem. Geografia. Sociedade.

THE STUDY OF LANDSCAPE IN GEOGRAPHY: some potentialities

Abstract

The present article aims to list some potentialities that the study on the landscape offers. For this, a qualitative approach was used, with a literature review. Initially, we sought to make a historical retrospective of the construction of the concept so that, afterwards, the initial purpose was properly addressed, in which a series of approaches were briefly exposed and exemplified, which are: the invisibility of agents and practices; the landscape as a condition for the acceptance of a given reality; the landscape as a mirror of civilization, and ideal types of landscape. The purpose is summed up in fostering paths - or remembering them - for the study of this category.

Keywords: Landscape. Geography. Society.

Introdução

A origem do presente texto se encontra na tentativa de valorização do conceito de paisagem, visto que, aparentemente, suas limitações tem sido mais destacadas do que suas potencialidades (SOUZA, 2013).

Mediante o exposto, a relevância da temática se mostra em apontar caminhos e inquietações para o estudo da paisagem, em vista de resolver o problema anteriormente suscitado.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo geral elencar algumas potencialidades que o estudo sobre esta categoria oferece e, para tanto, buscou-se inicialmente

fazer uma retrospectiva histórica da construção do conceito para que, então, fosse abordado, propriamente dito o propósito inicial.

Para cumprir esse fim, a metodologia aqui usada tem caráter qualitativo, usando-se de revisão bibliográfica, levando-se em consideração autores que discutem a temática proposta.

Assim sendo, para compreender a construção do conceito de paisagem visitou-se Corrêa (1997), Maximiano (2004), Souza (2013) e Conti (2014), além de alguns autores clássicos que em muito contribuíram para a temática: Troll (1997), Humboldt (2004) e Bertrand (2004). Para elencar potencialidades no estudo da paisagem, visitou-se trabalhos de autores como Souza (2013), Monbeig (1944, 2004) e Corrêa (2015). Outrossim, buscou-se outros trabalhos para subsidiar os pontos anteriormente citados, como Moreira (2007) e Corrêa (2007), que discorrem sobre o espaço, seu conteúdo e as relações que nele ocorrem; Corrêa (2009), que sugere a categoria “significado” como suplementar às categorias de análise que na perspectiva miltoniana, se vistas dialeticamente, dariam conta de analisar o espaço geográfico; Bodart (2010), que sinteticamente aborda sobre o tipo ideal na visão weberiana, e Alcântara (2018) que aborda panoramicamente o fenômeno da gentrificação.

A construção do conceito de paisagem: breve retrospecto histórico

A ideia de paisagem está presente no ser humano antes mesmo da elaboração do conceito. Como afirma Maximiano: “A idéia embrionária já existia, baseada na observação do meio” (2004, p. 84). As expressões desta observação podem ser encontradas em várias culturas, de vários povos, em várias épocas, como é o exemplo das pinturas rupestres.

É primeiramente na pintura que acontece a representação consciente da paisagem, conforme discorre Maximiano (2004). Não é à toa que quando se fala em paisagem alude-se a esta (SOUZA, 2013).

Conforme se lê em Maximiano (2004) e Conti (2014), pode-se observar que são diversas as influências que contribuíram na construção do conceito, pois vêm desde Alexander von Humboldt (1769-1859) e Friedrich Ratzel (1844-1904), passando pelos estudos desenvolvidos na Rússia nos séculos XIX-XX, vindo até Carl Ortwin Sauer (1889-1975) e Carl Troll (1899-1975), entre outros. É importante destacar que as contribuições sobre a paisagem vêm de geógrafos e de não geógrafos (CORRÊA, 1997), o que concede à

discussão sobre o conceito diversidade (e controvérsias), desse modo, uma constatação que pode ser feita é que existem várias definições para o mesmo. Eis a seguir a exemplificação:

Para o sociólogo ou o economista, a paisagem é a base do meio físico, onde o homem em coletividade a utiliza, ou não, e a transforma segundo diferentes critérios. Para o botânico ou ecólogo, a paisagem significa, antes de mais nada, um conjunto de organismos num meio físico, cujas propriedades podem ser explicadas segundo leis ou modelos, com ajuda das ciências físicas e ou biológicas (KOTLER, 1976, p. 18 apud MAXIMIANO, 2004, p. 87).

Em detrimento desta diversidade, há também consensualidade, afinal, é dito que paisagem tem a ver com o que é visual (SOUZA, 2013). Para Humboldt, inclusive, este aspecto seria essencial, visto que sua “contemplação da Natureza” perpassaria intrinsecamente pela contemplação da paisagem (HUMBOLDT, 2004).

Ademais, quando considerado, especificamente, a discussão sobre a paisagem na Geografia, atenta-se que no passado a ela foi atribuído a capacidade de conceder unidade e identidade, sendo até mesmo considerada como objeto desta ciência (TROLL, 1997; CONTI, 2014). Porém, a mesma fora delegada à uma posição inferior por muitos geógrafos (CORRÊA, 1997).

Curiosamente, são nas mesmas décadas de 1970-80, onde marxistas e outros pesquisadores sem vínculos a ela chamaram atenção sobre a discordância entre forma e conteúdo – pois a “[...] paisagem é uma forma, uma aparência.” (SOUZA, 2013, p. 46), e nem sempre aparência condiz a essência –, que este conceito renasce como um dos conceitos-chave da Geografia, e nesta retomada, segundo Corrêa (1997), passa-se a abordá-la de variadas formas.

Dentre os geógrafos, comumente há a ideia de que a paisagem carrega um aspecto visual, onde esta seria produto da relação de aspectos de cunho físico, biológico e antrópico (BERTRAND, 2004; MAXIMIANO, 2004; CONTI, 2014), e que a tal incluiria os indivíduos, até porque estes também são “[...] entes perceptíveis[...].” (SOUZA, 2013, p. 59). Segundo Maximiano (2004), a depender do enfoque do pesquisador, entretanto, poderá ser enfatizado um aspecto diferente, como a vegetação, clima, relevo entre outros.

Potencialidades do estudo da paisagem

É de conhecimento geral entre os estudiosos que a paisagem é uma forma, uma aparência e, como tal, nem sempre corresponderia à essência. Considere certa pessoa, que ao

olhar determinada floresta em alguma localidade, talvez pense que ali se trate de um espaço rural e mesmo, natural. Entretanto, ao buscar conhecer melhor, descobre que aquela floresta é, na verdade, de eucaliptos, que foram extensivamente plantados por intervenção humana, com vistas à produção de papel ou mesmo móveis, imperando ali uma lógica urbana. É neste sentido que Souza argumenta que “[...] a paisagem é reveladora, muito embora revele ‘ao encobrir’ (e, inversamente, e de modo ardiloso, encubra ‘ao revelar’...)” (2013, p. 51).

Esse caráter de aparência denota um determinado limite no estudo da paisagem. Contudo, é oportuno falar que, de modo geral, os conceitos e categorias possuem limitações e possibilidades, facilidades e dificuldades. Entretanto, ao que parece, no caso da paisagem, tem-se enfatizado mais os limites de estudo do que suas capacidades (SOUZA, 2013).

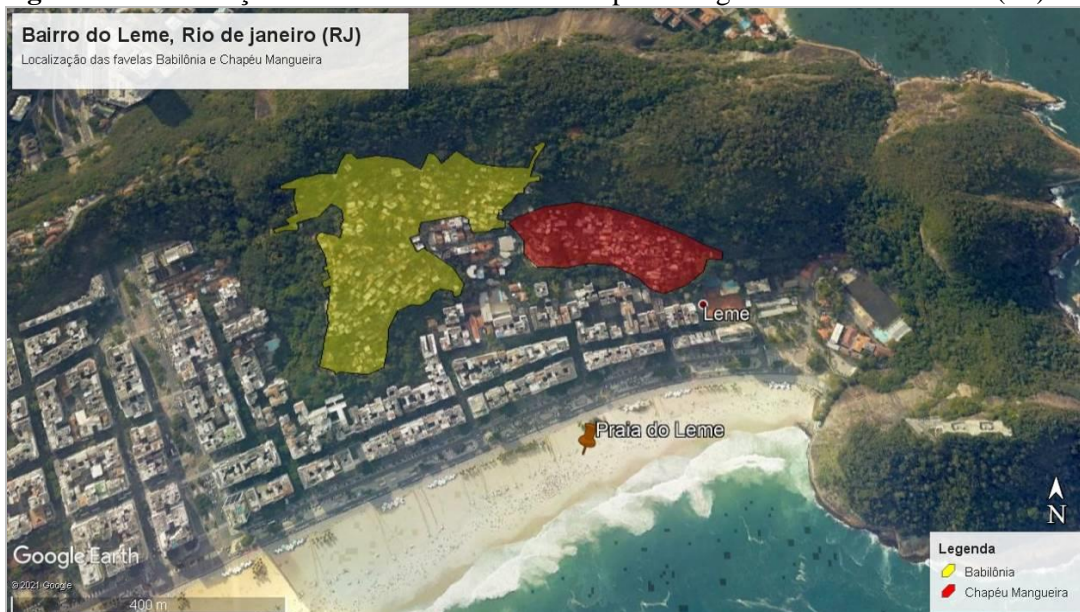
Lastreado nessa perspectiva, pretende-se, a seguir, elencar – ou relembrar – algumas possibilidades de estudo da referida categoria, a saber: 1) invisibilização de agentes e práticas; 2) a paisagem como condicionante na aceitação de determinada realidade; 3) a paisagem como espelho da civilização; e 4) tipos ideais de paisagem. Ressalta-se que isso não esgota as possibilidades de estudo da mesma, mas somente leva em consideração algumas.

Invisibilização de agentes e práticas

Ao expor algumas potencialidades de estudo da paisagem, Souza argumenta que uma destas seria a investigação da “invisibilização” (2013), isto é, pesquisar as estratégias dessa invisibilização na realidade, as quais dizem respeito à tentativa de eliminar da paisagem aquilo considerado como desagradável. Tais estratégias podem ocorrer por dois grandes modos: a primeira sendo a representação seletiva da paisagem, por intermédio de, por exemplo, fotografias, pinturas e filmes, com vistas à eliminar aquilo tido como indesejável e/ou feio, e a segunda sendo por intervenções no próprio espaço, que por consequência, reconfigura a paisagem.

Um exemplo do primeiro tipo pode ser apreendido a partir da representação da praia do Leme, localizada no bairro do Leme, na zona sul do Rio de Janeiro (RJ). No pano de fundo da praia, o Morro da Babilônia, estão localizadas as favelas Babilônia e Chapéu Mangueira, conforme se observa na Figura 1.

Figura 1 – Localização das favelas Babilônia e Chapéu Mangueira – Rio de Janeiro (RJ)



Fonte: Google Earth Pro, 2021/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro - Limite Favelas, 2018
Organização e adaptação do autor a partir do Google Earth Pro, 2021

De um ponto de vista elitista, estas favelas poderiam “poluir” a paisagem, e assim, numa representação sob esse viés, as mesmas são eliminadas ao representar a supracitada praia de modo que o ângulo não as capture (Figura 2).

Figura 2 - Praia do Leme numa perspectiva elitista – Rio de Janeiro (RJ)



Fonte: Felipe Lucena, 2018¹

Em detrimento disso, a Figura 3 a seguir mostra a mesma paisagem representada, contudo, em um ângulo diferente, no qual seu pano de fundo é observável.

Figura 3 - Praia do Leme em um ângulo que seu pano de fundo é visível – Rio de Janeiro (RJ)



Fonte: Gabriel de Paiva, 2017²

A segunda estratégia de invisibilização, a de intervenção no “[...] próprio substrato espacial material[...]” (SOUZA, 2013, p. 52), pode ser exemplificado com o fenômeno da gentrificação.

Tendo em vista as categorias que na perspectiva miltoniana, se abordadas dialeticamente, dariam conta de analisar o espaço, Corrêa afirma que a gentrificação “[...] introduz novos processos e novas formas” (2009, n.p), em outras palavras, esse processo muda a realidade de dada área, áreas estas anteriormente degradadas fisicamente e/ou consideradas periféricas. Esse processo expulsa os antigos moradores (de renda mais baixa) e passa a abrigar população de renda mais elevada (ALCÂNTARA, 2018). Assim, os imóveis, o comércio, o custo de vida, entre outros aspectos, são gradualmente transformados, e também, por consequência, a paisagem.

A paisagem como condicionante na aceitação de determinada realidade

Uma outra potencialidade que Souza propõe é a de “[...] examinar como a paisagem condiciona a nossa (in)sensibilidade e o modo como somos socializados.” (2013, p. 57). Segundo ele, a hipótese seria a seguinte:

[...] a paisagem poderia exercer uma espécie de persuasão, análoga àquela que é exercida pela assim chamada mensagem subliminar em publicidade. [...] similarmente uma paisagem, ao impregnar continuamente os nossos sentidos “sugeriria” certos conteúdos, com relação, digamos, ao que é “normal” (e “familiar”, “belo”, “seguro”...) e ao que não o é (sendo, portanto, “anormal”, “estranho”, “feio”, “perigoso”...) (SOUZA, 2013, p. 58 – *grifos do autor*).

Assim sendo, a paisagem poderia servir como elemento persuasivo na aceitação de determinada realidade que se imprime no espaço. Considera-se como exemplo a segregação residencial.

Para entender esse fenômeno é necessário observar que, considerando o espaço como sendo o produto do trabalho e vice-versa, a cada sociedade e em determinadas épocas históricas ele será organizado espacialmente diferente, refletindo o modo como se dá as relações e o desenvolvimento das forças produtivas (CORRÊA, 2007). Já que a sociedade capitalista se estrutura em classes, as elites ficarão localizadas nas regiões mais ricas, onde as necessidades básicas e supérfluas são facilmente encontradas, já a periferia ficará à margem dos centros ou ainda longe dos mesmos, em regiões desvalorizadas e precárias. Será a partir dos valores aprendidos pelos sujeitos em cada uma destas áreas, isto é, sua socialização, que ficará viabilizado a reprodução das classes sociais, pois, conforme afirma Corrêa: “A partir do bairro enxerga-se a cidade e o mundo. Um bairro e seu sistema de valores estável possibilita maior reprodução do grupo social que ali vive” (2007, p. 74-75).

Ora, o que se enxerga a partir do bairro, senão o classismo e as desigualdades sociais estampadas na paisagem? Contudo, para uma melhor compreensão desses aspectos, ao que parece, é necessário ouvir o que os sujeitos apreendem acerca da paisagem, ou ainda levar em consideração os significados que se atribuem a elas (CORRÊA, 2009). Portanto, uma abordagem fenomenológica seria sobremodo proveitosa.

A paisagem como espelho da civilização

O geógrafo Pierre Monbeig, um dos precursores da Geografia brasileira, propôs que a paisagem seria o “espelho” da civilização (MONBEIG, 1944, 2004). Em suas palavras:

Mas, como a cultura de um grupo evolui, sua paisagem também evolui: o mesmo suporte natural viu sucederem-se paisagens diferentes, sendo cada uma o reflexo da civilização do grupo de dado momento de sua história. Assim a paisagem não é mais considerada como produto da geologia e do clima, mas como o reflexo da técnica agrícola ou industrial, da estrutura econômica ou social[...] (MONBEIG, 2004, p. 111).

A paisagem, neste sentido, seria um reflexo de uma dada sociedade, revelando, então, sua técnica e sua estrutura econômica e social. Isso ocorre porque a sociedade que transforma ou apodera-se da natureza, nesta se reproduz, produz e se desenvolve. Aliás, é importante ressaltar que esta sociedade está em “movimento”, e por consequência, a sua paisagem está em transformação. É neste sentido que em suas observações sobre a evolução da paisagem rural paulista, Monbeig constata:

[...] seria um [e]rro querer a todo custo encontrar nos fenômenos atmosféricos a única explicação da paisagem rural atual. Apesar das frentes de povoamento paulista estarem em pleno desenvolvimento, apesar do observador notar muitas marcas de juventude, não se pode esquecer que este país jovem é explorado e, em parte, explorado há mais de quatro séculos (MONBEIG, 1944, p. 428).

Partindo desse pressuposto, reflexões produtivas podem ser proporcionadas. Uma delas é a tentativa de descobrir o que a paisagem da sociedade capitalista revela sobre si mesma.

Nesta perspectiva, Ruy Moreira (2007) chama atenção ao fato de que a sociedade capitalista se estrutura em classes, e afirma que as diferenciações entre estas tornam-se “[...] espacialmente visíveis” (MOREIRA, 2007, p. 93). Assim sendo, para exemplificar, utilizar-se-á a conhecida imagem a seguir (Figura 4), a qual revela duas realidades contrastantes entre os bairros Paraisópolis (na esquerda) e Morumbi (na direita), na cidade de São Paulo (SP).

Figura 4 - Contraste entre os bairros Paraisópolis e Morumbi – São Paulo (SP)



Fonte: Tuca Vieira, 2004³

As realidades são visivelmente diferentes, onde na esquerda se observa uma zona periférica, e na direita, um prédio de luxo.

Tipos ideais de paisagens

Em um curto ensaio publicado em 2015, Corrêa discorre sobre os tipos ideais da paisagem urbana brasileira. O conceito de “tipo ideal” seria conforme à visão weberiana (CORRÊA, 2015). Para Max Weber, segundo Bodart (2010), tipo ideal seria uma construção mental feita pelo pesquisador levando em consideração determinados aspectos do objeto/fenômeno que se propõe estudar, utilizada como critério para o estudo desses objetos/fenômenos. O supracitado autor exemplifica da seguinte forma:

[...] quando pensamos em democracia temos em mente um conjunto de características [...] dando origem a um todo idealizado (o Tipo Ideal). Ao observar um sistema político contrastamos com esse tipo que temos em mente para classificar esse sistema como democrático ou não, por exemplo (BODART, 2010, *online*).

Neste sentido, Corrêa indaga e ao mesmo tempo sugere: “Que tipos ideais de paisagens brasileiras podem ser elaborados, construídos intelectualmente pelos geógrafos, com[o] representações gerais das paisagens brasileiras?” (2015, p. 8). Definitivamente, esta é mais uma potencialidade no estudo da paisagem.

Os exemplos de tipos ideais de paisagens urbanas no Brasil a seguir advêm do referido autor, que dentre outros exemplos, sugere dois blocos de amostras de paisagens, levando em consideração a escala.

No primeiro bloco, a qual trata de tipos ideais tendo em mente cidades pequenas, e que, portanto, tem expressão mais significativa regionalmente, e não necessariamente nacional, cita-se a “[...] pequena localidade ribeirinha da Amazônia, [...] a praça da pequena cidade sertaneja [...] e, finalmente, a Praça Matriz das pequenas cidades do interior paulista, [...]” (CORRÊA, 2015, p. 8-9). Na Figura 5 a seguir, ilustra-se o segundo tipo ideal aludido.

Figura 5 - Comunidade São Ezequiel Moreno – Portel (PA)



Fonte: Centro de Empreendedorismo da Amazônia/ Raphael Medeiros, s.d.⁴

Já no segundo bloco, ao levar em consideração metrópoles e grandes cidades, e, portanto, com expressividade nacional, Corrêa (2015) cita as fachadas litorâneas burguesas, a favela consolidada e os condomínios onde vivem a classe média alta. Na Figura 6 ilustra-se o primeiro tipo ideal aludido.

Figura 6 - Praia do Farol da Barra no bairro da Barra – Salvador (BA)



Fonte: Paulo Sampaio, 2020⁵

Em suma, como afirma Corrêa: “[...] o campo de investigação em tela está aberto” (2015, p. 7). Ademais, a sugestão pode-se ampliar a não somente paisagem urbana, mas também, se for possível, à rural.

Considerações finais

A paisagem, categoria à qual é utilizada na área geográfica, bem como fora dela, traz em seu bojo uma diversidade de definições e aplicações, que por hora geram consenso e outrora controvérsias entre os pesquisadores. Um exemplo do primeiro é que ela tem a ver com que é visual.

Assim sendo, a partir da análise feita, observou-se que os limites do estudo da paisagem foram mais destacados do que suas potencialidades. Deste modo, elencou-se algumas possibilidades que a mesma oferece em geografia: o estudo da invisibilização de agentes e práticas, que revelam estratégias para exclusão destes nas representações; a paisagem como condicionante de aceitação de dada realidade, que, aparentemente, mostra como o meio influencia na subjetividade; a paisagem como espelho da civilização, a qual expõe que a sociedade que transforma a natureza imprime suas “marcas” na paisagem; e os tipos ideais de paisagem, que aparenta ser um campo não tão explorado, e que permite produzir generalizações interessantes.

Conforme anteriormente dito, estes são apenas alguns caminhos dos vários que esta categoria possui. Portanto, com o presente trabalho, espera-se contribuir com o avanço do estudo da paisagem.

Notas de rodapé

1 – Disponível em: <<https://diariodorio.com/wp-content/uploads/2018/01/Praia-do-Leme.jpg>>.

2 – Disponível em: <https://conteudo.imguol.com.br/c/noticias/5a/2017/09/06/favelas-chapeu-mangueira-e-babilonia-no-bairro-do-leme-rio-rj-1504733329039_615x470.jpg>.

3 –

Disponível em: <https://i.guim.co.uk/img/media/44556f138b8054e7283b1740fc66c6b239c5d79a/66_96_6286_4146/master/6286.jpg?width=1020&quality=85&auto=format&fit=max&s=3966c2cfd60ea92905bb4c3753ffb119>.

4 – Disponível em: <http://s2.glbimg.com/M-1HiDk7iATIH6-QZOoPIUjCPY0=/560x430/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2017/10/09/img_1634_1.jpg>.

5 – Disponível em: <<https://www.bahianoiteedia.com.br/wp-content/uploads/2017/06/farol-da-barra-3-1024x680.jpg>>.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. 2018. GENTRIFICAÇÃO. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>>. Acesso em: 13 de abr. de 2021.

BERTRAND, Georges. Paisagem e Geografia física global. Esboço Metodológico. Tradução: Olga Cruz. In: **Revista RA'EGA**, n. 8, p. 141-152, 2004. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3389/2718>>. Acesso em: 04 de set. de 2021.

BODART, Cristiano das Neves. Tipo Ideal de Max Weber. In: **Café com Sociologia**, 2010. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/tipo-ideal-de-max-weber/>>. Acesso em: 14 de abr. de 2021.

CONTI, José Bueno. Geografia e paisagem. In: **Ciência e Natura**, v. 36, p. 239-245, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/cienciaenatura/article/view/13218/pdf>>. Acesso em: 13 de abr. de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. A paisagem geográfica – uma bibliografia. In: **Revista Espaço e Cultura**, n. 4, p. 50-54, jun. 1997. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/6774/4827>>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Processo, forma e significado – uma breve consideração. In: **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, n.p. 2009. Disponível em: <<http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Processo,%20Forma%20e%20Significado.pdf>>. Acesso em: 19 de mar. de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. A paisagem urbana brasileira: tipos ideais. In: **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 008-010, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/97116/98482>>. Acesso em: 19 de mar. de 2021.

HUMBOLDT, Alexander von. Considerações sobre os Diferentes Graus de Prazer que Oferecem o Aspecto da Natureza e o Estudo de suas Leis. Tradução: Sérgio Nunes Pereira. In: **GEOgraphia**, v. 6, n. 12, 2004, p. 135-139. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13484/8684>>. Acesso em: 04 de set. de 2021.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. In: **Revista RA'EGA**, n. 8, p. 83-91, 2004. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3391/2719>>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.

MONBEIG, Pierre. Notas relativas à evolução das paisagens rurais no Estado de São Paulo. In: **Boletim Geográfico**, v. 2, n. 16, p. 428-430, jul. 1944. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1944_v2_n16_jul.pdf>. Acesso em: 13 de abr. de 2021.

MONBEIG, Pierre. A paisagem, espelho de uma civilização. In: **GEOgraphia**, v. 6, n. 11, p. 109-117, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13473/8673>>. Acesso em: 13 de abr. de 2021.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Paisagem. *In: Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p. 43-62.

TROLL, Carl. A paisagem geográfica e sua investigação. Tradução: Gabrielle Corrêa Braga. *In: Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 1-7, jul./dez. 1997. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6770/4823>>. Acesso em: 04 de set. de 2021.